

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ZILDA ELENA VIEIRA NASCIMENTO

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

AMERICANA

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ZILDA ELENA VIEIRA NASCIMENTO

MEMORIAL

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

AMERICANA

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

N17m Nascimento, Zilda Elena Vieira
Memorial de formação / Zilda Elena Vieira Nascimento. -- Campinas, SP :
[s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de
vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-583-BFE

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por ter me agraciado com esta oportunidade de estudar, que sempre almejei.

A minha família, pela compreensão e apoio.

As minhas amigas de sala e de grupo: Rosana, Rita e Samira. Em especial, a minha amiga Samira, que além de toda a amizade que construímos, esteve presente nesses três anos facilitando-me o trajeto com o transporte (carona),

E também a todos os professores do curso e aos coordenadores e direção da Unicamp, pela dedicação e comprometimento durante o curso.

Obrigada!

*“Quem não lê é cego. Só vê o que os olhos vêem.
Quem lê, ao contrário, tem muitos milhares de olhos:
todos os olhos daqueles que escreveram.”*

Rubem Alves

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
CAPÍTULO 1: Resgatando vivências	7
CAPÍTULO 2: Um breve histórico da literatura infantil	12
2.1 – <i>A literatura infantil brasileira</i>	16
CAPÍTULO 3: A importância da literatura infantil	19
CAPÍTULO 4: As histórias infantis como forma de consciência de mundo	25
4.1 – <i>Histórias para crianças</i>	25
5: CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

APRESENTAÇÃO

Pretendo relatar neste memorial as muitas reflexões que pude fazer no decorrer do PROESF, relacionando o meu trabalho com as crianças e as descobertas que fiz através das teorias.

Como estou trabalhando com Educação Infantil, terei como principal eixo: a Literatura Infantil, abordando os seguintes temas: história da Literatura Infantil, a importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento da criança e gêneros de Literatura Infantil para crianças de 1 a 6 anos de idade.

Escolhi esse tema, porque desde criança gosto muito de livros infantis e lembro-me com clareza dos que ganhei de minha mãe na infância. Através deles pude sonhar, imaginar outros lugares, sentir o que os personagens sentiam, enfim, foram grandes incentivadores na minha alfabetização..

No meu trabalho com as crianças de educação infantil, procuro valorizar a literatura oferecendo oportunidades para que as crianças tenham contato desde cedo com os livros, as histórias e através delas desenvolvam o prazer e o gosto pela leitura.

No primeiro capítulo, em meio aos meus pensamentos, lembranças, dúvidas e anseios, resgato minha infância e toda minha trajetória como educadora até o presente momento. Reflito sobre o início da minha alfabetização, fazendo uma relação com a nova visão de Alfabetização que aprendi no Proesf.

No segundo capítulo, faço um breve histórico do surgimento da literatura infantil no mundo e do seu desenvolvimento no cenário brasileiro.

No início, a Literatura Infantil recebia apenas adaptações de textos escritos para adultos. Assim, surgiram as fábulas que a princípio não tinham a intenção de se direcionarem as crianças. Tudo começou a ser construído, nesse sentido, em meados do século XVIII, momento que se percebeu a criança como sendo diferente do adulto, em necessidades e características.

Contar histórias é a mais antiga das artes. Nos velhos tempos, o povo assentava ao redor do fogo para esquentar, alegrar, conversar, contar casos. Pessoas que viviam longe de sua pátria contavam e repetiam histórias para guardar suas tradições e sua língua. Contar histórias tornou-se uma profissão em vários países, como na Irlanda e na Índia. Com o advento da imprensa, os livros tornaram-se os grandes agentes culturais dos povos. As fogueiras ficaram para trás. Os velhos contadores foram esquecidos. Mas

as histórias se incorporaram definitivamente à nossa cultura. Ganharam as nossas casas através da doce voz materna, das velhas babás, dos livros coloridos, para encantamento da criançada. E os pedagogos, sempre à procura de técnicas e processos adequados à educação das crianças, descobriram esta ‘mina de ouro’ – as histórias. Os psicólogos aprovaram. Surgiu a Literatura Infantil.

No terceiro capítulo, falo da importância da literatura infantil no desenvolvimento da criança e de como insiro esta modalidade de atividade na minha prática diária com as crianças da Educação Infantil.

No quarto e último capítulo, falo especificamente da literatura infantil na faixa etária de 1 a 6 anos e de como as crianças se comportam em relação às histórias durante esse período do desenvolvimento.

Enfim, este memorial pretende resgatar um pouco da minha prática como educadora e a importância do trabalho com Literatura Infantil que sempre procurei desenvolver com meus alunos de forma significativa e enriquecedora.

1. Resgatando vivências

Para iniciar a escrita desse memorial, foi necessário voltar ao passado. Foi muito importante para mim, fazer essa volta, pois pude refletir sobre o meu trajeto escolar: como aconteceu a minha aprendizagem, como era a postura dos professores, o modelo de alfabetização dentro do contexto histórico e em que momento da minha infância interessei-me pela literatura infantil.

A partir dessa reflexão pude pensar sobre a minha prática em sala de aula, compreendendo melhor as necessidades dos meus alunos e no que posso contribuir para que eles tenham uma formação significativa e de qualidade.

Foi com muita alegria que iniciei a minha jornada escolar numa cidade do interior chamada Taiacu.

Como eu era a filha mais nova, de uma família de onze irmãos, com apenas seis anos era a única que não estava na escola, pois não tinha idade suficiente. Quando as minhas irmãs saíam para ir à escola, eu chorava muito, até que minha mãe foi falar com o diretor que me autorizou a começar o primeiro ano.

Tenho vagas lembranças das três primeiras séries. Uma delas é a cartilha: a de abelha, e de elefante, i de igreja, u de unha; lembro-me até dos desenhos correspondentes.

Os textos da cartilha eram os únicos que eu tinha contato na escola. Fico triste quando recordo desta escola sem livros de histórias infantis. Penso em como poderia ter sido diferente a minha formação se tivesse tido acesso a livros e a diferentes gêneros de leitura.

Percebo a influência em minha formação, do momento histórico em que eu vivia, o meio em que estava inserida e como é válida a teoria de VYGOTSKY (1993) sobre a importância e influência do outro em nossa aprendizagem.

Vygotsky considera que o desenvolvimento se faz do social para o individual somos sujeitos de cultura. Aprendemos na relação com o outro e essa aprendizagem promove o desenvolvimento, um desenvolvimento dialético, pleno de crises, marcado pela história individual de cada ser humano. (GOULART, 1999, p.31)

Meu aprendizado acontecia em casa também, quando brincávamos de escolinha. Minha irmã mais velha era a professora, ensinava-me a escrever as letras na lateral de um fogão de lenha ou numa cômoda de madeira à luz de lamparina.

Hoje posso perceber a forte influência que minha mãe teve na minha formação como leitora, quando comprou dois livros de histórias infantis: “A Bela e a Fera” e “Os Três Fradinhos”. Eram grandes, com ilustrações muito bonitas e como foram importantes para mim. Foram os únicos livros que tive acesso na minha infância, mas despertaram em mim uma paixão que tenho até hoje pela literatura infantil.

Toda essa realidade escolar que vivi, pude refletir com as aulas sobre Alfabetização e Letramento ministradas pela Professora Cristina e pelo Prof. Dr. Sérgio Leite.

Eu vivi o modelo de educação tradicional, em que os textos eram fragmentados e sem significado. Os alunos não podiam questionar e o professor era o dono do saber.

Foi conflituoso fazer comparações e reflexões com as várias concepções de educação, mais especificamente sobre alfabetização. Tinha em minha memória a minha alfabetização, recebia informações sobre a nova maneira de alfabetizar letrando, ou seja, alfabetizar propondo atividades de leitura e escrita que estejam contextualizadas, isto é, que façam parte das relações sociais, para que o aluno perceba a função da leitura e da escrita, e no meu dia-a-dia estavam as crianças que dependeriam da minha postura, do meu trabalho, para se desenvolverem positiva ou negativamente.

O trabalho de tradução teórico/prático não se faz tendo em vista uma aplicabilidade prática da teoria. As práticas pedagógicas reeditam a teoria, uma vez que se propõem a enfrentar um terreno cuja concretude supõe novos questionamentos, resignificando o caminho teórico percorrido anteriormente. (GOULART, 1999, p. 31)

Continuando minha trajetória, tem um fato que me marcou muito na infância, o falecimento de minha mãe, que aconteceu quando eu estava terminando o terceiro ano primário, o que fez com que eu me mudasse de cidade.

Fomos morar em Bebedouro, num colégio de freiras, eu e minhas duas irmãs mais velhas. Nessa época estudei no SESI. Fiz da quarta à sexta série. Aprendi muito lá. Tive Inglês desde a 5ª série (o que na época não era comum em outras escolas). Tive Oficina de artes. No recreio, brincávamos de roda. Todas as sextas-feiras cantávamos o Hino Nacional e o Hino da cidade. Participávamos dos desfiles de Sete de Setembro.

No caminho para o SESI tinha uma Faculdade de Letras e desde então, eu sempre dizia que queria fazer Letras.

Permaneci no Colégio São Vicente de Paula por três anos, recebi uma educação religiosa, rígida, com muita disciplina, cheia de regras impostas. Enfim uma

formação não crítica, não questionadora, que tinha por finalidade a obediência e a prática da caridade.

Quando saí do Colégio, mudei-me para Americana, onde iniciei a 7ª série no Colégio Vocacional João XXIII. Tínhamos aula de Educação Doméstica, Práticas Comerciais, era um currículo diferenciado, muito bom. Aprendi a fazer crochê, tricô, cozinhar alguns pratos, foi uma época muito gostosa.

Em 1977, meu pai me matriculou no 1º ano do 2º grau à noite. Fiz o segundo grau secundário, pois podia escolher: primário, secundário ou terciário, era profissionalizante.

Tive aulas de Matemática Aplicada, Eletricidade, Educação e Normas, Física Aplicada, Literatura e Língua Portuguesa. Gostei muito, foi um currículo diferenciado também.

Minha paixão nesta época era desenhar e escrever poesias. Com dezessete anos terminei o segundo grau e, que pena, não consegui fazer Faculdade.

Voltei a estudar depois de casada, quando já tinha duas filhas e me encontrava numa péssima situação financeira. Precisava muito ter uma profissão para trabalhar e ajudar nas despesas da casa.

Fiz o Magistério, pois era gratuito e poderia, através do curso, ser professora. Lembro-me como me senti no primeiro dia de aula ao subir as escadas da Escola Estadual de P.S.G. João XXIII, a mesma escola que estudei quando era jovem, só que desta vez uma mulher casada, mãe de duas filhas: a Bruna de 14 anos e a Beatriz de 7 anos. Sentia-me fracassada profissionalmente, pois já estava com 32 anos e teria que iniciar toda uma trajetória para ter uma profissão. Mas acreditei e me empenhei nos estudos. Tinha dias em que ficava difícil me concentrar nas aulas, pois estava com tantos problemas: estava morando com uma cunhada, pois meu marido não tinha como pagar o aluguel com o que ele ganhava.

Fiz o curso de 1996 a 1998, no sistema modular, ou seja, uma disciplina de cada vez. O curso era dividido em módulos: Psicologia – 18 dias; Filosofia – 22 dias, sendo as aulas presenciais, no período de 4h20min. Foram abertas salas especiais desse Magistério, somente podendo cursar quem já tinha o 2º grau completo, mas foram somente duas turmas e se acabou.

O curso me ajudou muito, pude repensar todo o momento histórico em que se deu minha formação, pude trabalhar um pouco com minha auto-estima que estava baixa, fui me descobrindo de novo e percebendo que poderia construir a partir dali uma nova postura, que eu poderia ser uma educadora. A disciplina de Psicologia ajudou-me

com a formação das minhas filhas, ampliei minha visão a respeito do desenvolvimento do ser humano, na importância do diálogo, prática difícil para mim, devido a educação que recebi, procurei melhorar o relacionamento com as pessoas com as quais convivia.

Em 1998, prestei concurso na Prefeitura de Americana, para o cargo de ADI (Auxiliar de Desenvolvimento Infantil) e em 2000 ingressei na Educação Infantil. Fiquei muito feliz e me dedicava ao máximo para fazer um bom trabalho.

No início trabalhei na Casa da Criança Araúna, ficava numa periferia da cidade. As crianças eram muito carentes: de afeto, de estímulos e de bens materiais. Os pais também eram carentes. Foi uma experiência que não esquecerei nunca.

Trabalhei lá por dois anos. Nesses dois anos tive oportunidade de trabalhar com vários grupos de várias idades. Senti-me muito feliz quando trabalhei com crianças de quatro meses a 1 ano. Aprendi muito, mas foi preciso muita pesquisa toda vez que eu mudava de grupo, para compreender melhor as características de cada faixa etária.

A Prefeitura oferecia curso de capacitação profissional, estudávamos vários teóricos para refletirmos sobre nossa prática.

Em 2001, prestei o concurso para Professor de Pré-Escola, passei e fiquei aguardando a chamada.

Em 2003, prestei o vestibular da Unicamp, e passei!

Fiquei muito feliz, pois era a oportunidade que eu esperava há anos. A sensação de estar lá na Unicamp foi muito significativa pra mim. Senti-me um pouco menos excluída na sociedade, capaz, fiquei até mais segura em minhas atitudes, passei a acreditar mais em mim.

Pude perceber logo nas primeiras aulas no Proesf, que eu voltaria para casa com muitos conflitos em minha mente. Houve dias em que não conseguia dormir, quando voltava, pois as teorias me levavam a refletir dia-a-dia sobre a minha prática. Ficava pensando em uma maneira de mudar a minha prática, que se aproximasse um pouco mais com o que havia estudado naquela disciplina; por outro lado, questionava o que havia de bom em meu trabalho e qual teórico o embasava e se valeria a pena continuar naquela linha.

Tinha consciência de que as mudanças seriam lentas, pois dependem de vários fatores e principalmente de todo um trabalho em equipe.

As teorias possibilitaram-me descobertas importantíssimas sobre a história da humanidade em várias áreas: na política, na psicologia, filosofia, em todo o avanço da educação.

A História da Educação me deixou fascinada e lembro-me de uma palestra ministrada pelo Professor Dr. San Felicci, que disse: “O conhecimento dói”! Concordo plenamente com ele e confesso haver sentido a dor, a angústia de conhecer um pouco mais sobre a história e os caminhos que a Educação brasileira percorreu para chegar aos dias de hoje. Alegrei-me com as conquistas e entristeci-me com os pontos estagnados e difíceis de sofrer rupturas. Pude compreender que o presente foi construído por lutas passadas e que dependerá do nosso trabalho e de como ajudarmos a construir as mentes de hoje para a construção do futuro.

Em 2004, fui chamada na Pré-Escola e assumi uma sala de Nível I (crianças de 3 anos). A princípio tive dificuldades, mas aos poucos fui construindo uma relação muito afetuosa com as crianças e com os pais.

Um dos momentos que eu mais gostava e conseguia prender a atenção das crianças era na hora da história, quando reunia-as e contava uma ou duas histórias, pois nessa fase, elas necessitam de alguém que leia para elas.

Quando uma criança, de por exemplo, 3 anos toma emprestada a voz da mãe, da professora, da amiga mais velha, e lê o texto com a voz emprestada, ela está lendo. Está lendo com os ouvidos, assim como outros lêem com os olhos ou com as mãos. Ao ler com os ouvidos, a criança não apenas se insere na interlocução com o discurso escrito organizado numa sintaxe, num léxico e numa prosódia diferentes, como passa a compreender as modulações de vida que se enunciam num texto escrito. (BRITTO, 1994, p. 48)

Concordo com o autor da citação acima quando diz que a criança toma a voz do educador emprestada, fazendo por meio dela, a leitura; com isso reforça a importância do trabalho do professor de fazer da hora da história uma atividade permanente no seu planejamento mensal.

Desde o início do meu trabalho com educação infantil, pude perceber que o que mais chamava a atenção das crianças era a hora da história e no curso Proesf fui relacionando teóricos que falavam sobre o assunto, como Rizzoli, que aponta a importância da criança ouvir histórias, pois faz com que ela se sinta importante, sinta que alguma coisa está sendo feita especialmente para ela.

Pude avaliar ao final do ano quantos conhecimentos as crianças haviam adquirido através das histórias: cores, através de uma história simples “A fada e a flor”, feita num envelope, com um recorte em formato de flor, conforme eu ia contando a

história a mágica acontecia mudando-se a cor da flor e, assim, aprenderam todas as cores, pois gostavam muito da história e interagiam a cada nova cor.

Um dia por semana, eu separava-os por grupo e distribuía fantoches para que eles criassem sua própria história e contassem atrás de um cenário na frente de toda a sala. As crianças gostavam tanto que era preciso pedir que a história tivesse um fim, para que o outro grupo pudesse contar também.

Com isso, desenvolveram a fala, a socialização, a auto-estima, aprenderam a se colocar à frente e falar para a sala, vencendo a timidez.

Foi recompensador quando chegou o final do ano e um pai se aproximou de mim e agradeceu, pois o filho dele havia mudado muito, era uma criança muito tímida, triste, sem iniciativa e que agora estava mais feliz, fazendo até bagunça em casa, falava sobre a escola com alegria e pediu para que o pai comprasse alguns livros.

É maravilhoso ver os saltos no desenvolvimento das crianças nessa fase (3 a 4 anos).

Com as leituras, que tive contato através do PROESF, eu sentia-me mais segura no trabalho das diferentes linguagens na Educação Infantil. Aplicava atividades como: pintura, brincadeira de faz-de-conta, modelagem, construção, dança, poesia e a própria fala, sabendo da importância e passando para os pais que o processo é mais importante do que o resultado.

Orientava-os a valorizar o trabalho de seu filho, conscientes de todo o processo que a criança havia passado.

Estas são algumas das minhas vivências que revivi e dividi, a fim de mostrar como a literatura infantil foi importante para mim, na minha formação pessoal, e como é importante para as crianças na faixa etária da Educação Infantil, pretendendo iniciá-los na leitura e escrita de forma prazerosa e agradável, mas também pensando nas fases do desenvolvimento e na formação como cidadão que pensa, que critica, que constrói.

2- Um breve histórico da Literatura Infantil

Sempre me perguntava o porquê das crianças gostarem tanto das fábulas, dos clássicos como: Chapeuzinho vermelho, Os Três Porquinhos, pois toda vez que íamos começar a contar a história, as crianças queriam sempre os clássicos. Resolvi então pesquisar mais sobre o assunto, para compreender o que fascinava tanta as crianças, sendo assim, contarei um pouco dessa minha busca, na história da Literatura Infantil.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura ou arte, fenômeno de criatividade que representa a vida, o mundo, a realidade. Ela enriquece a imaginação da criança, oferece-lhe condição de criar, ensinando-lhe a libertar-se pelo espírito, levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade.

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. (COUTINHO, 2000, p. 52)

A literatura é uma das produções humanas mais importantes para a formação do indivíduo, pois sua matéria é a palavra, o pensamento e as idéias, exatamente aquilo que define a especificidade do ser humano. A criança deve ter acesso à literatura, associando e harmonizando a fantasia e a realidade, a fim de satisfazer suas exigências internas e desejos imaginários. A proposta da literatura infantil é que seja desenvolvida a emoção, a sensibilidade, a imaginação e a fantasia da criança.

A existência de uma literatura infantil é bem recente. Foi uma necessidade criada com a ascensão da família burguesa em contrapartida do enfraquecimento das grandes propriedades e da aristocracia fundiária, a conseqüente transformação na forma tradicional de encarar a infância e da reorganização da escola, que se torna obrigatória e aberta para todas as classes sociais. Durante muitos séculos a criança foi vista como um adulto em miniatura, participando de vários aspectos da vida adulta, de uma forma que nossos contemporâneos classificariam de “imoral”. Não existia a diferenciação de coisas adultas/coisas infantis, não havia sequer, segundo ROSEMBERG (1989), uma palavra para designar o que hoje chamamos de infância. Com o tempo, e o declínio do feudalismo, foram surgindo posições inovadoras neste aspecto, geradas por pedagogos e moralistas, e aos poucos foi se formando o conceito de infância, baseado na idéia cristã

de inocência e numa nova perspectiva de valorização da mulher como mãe, pois, até então, não havia laços afetivos, a criança era pouco considerada e a figura materna não se fazia presente nos primeiros dois anos de vida. Cria-se, então, uma alteridade adulto/criança e a necessidade de separação de dois universos diferentes, visto que o que é apropriado para um, não o é para o outro. A criança, vista pelos olhos dos adultos é o outro, não um ser em si, é um vir-a-ser-adulto que, para atualizar esta sua potencialidade, precisa da educação. É então neste ínterim que surge a literatura infantil, que tem por missão integrar a criança ao mundo, é o instrumento pedagógico por excelência.

Com o ensino obrigatório e gratuito na Europa, as crianças são retiradas do mercado de trabalho. Criam-se condições tanto para o rico quanto para o pobre, oportunizando-se assim, o acesso à literatura.

Os primeiros livros infantis surgem na França de Luís XIV, na segunda metade do século XVII, por sua influência e manifesta preocupação com a educação de jovens e crianças. É no clima de valorização da antigüidade clássica que as narrativas estarão imersas. Logo, a literatura infantil que floresceu nessa época traz consigo estes altos objetivos. As fábulas de La Fontaine dão prova disso. Seus argumentos se baseiam em autores gregos, latinos, franceses, medievais, parábolas bíblicas, contos populares, narrativas renascentistas e medievais. Contudo, a riqueza dos escritos literários desse autor, como de tantos outros, acabou por se perder nas várias traduções e, principalmente, pelas adaptações. A linguagem poética, bem como o argumento ou a moral, se encontram adulteradas. O que permanece são os dilemas humanos reinterpretados de acordo com o pensamento de cada época, totalmente distinto das possíveis intenções do autor. Segundo Coelho, a verdade é que as traduções e adaptações torcem a seu bel-prazer a ‘moral’ dessas fábulas, a ponto de as tornarem o oposto do que pretendia o autor, originalmente.” (1991, p. 107)

Durante a disciplina Pesquisa Educacional, fiz a leitura do livro: “O Grande Massacre de Gatos”, de Robert Darnton, pude fazer descobertas sobre a origem das Histórias e o seu significado. Pude compreender o porquê dos horrores presentes em muitas histórias infantis como: João e Maria, que foram abandonados na floresta, pois os pais eram tão pobres que não tinham como alimentá-los. Essa história foi fruto de um momento histórico em que a França estava vivendo: guerra, miséria, período em que a peste e a fome dizimavam a população do norte da França (séc. XVII e XVIII).

Segundo Cademartori (1994), La Fontaine também em suas fábulas, configuram-se em textos cifrados que denunciam as misérias e as injustiças sociais

vividas em seu tempo. Da mesma forma que La Fontaine, os contos de Perrault também estão repletos de questões morais. O envolvimento de Perrault com a causa feminista traduz-se em sua temática, em que praticamente todas as suas obras estão relacionadas com adversidades vividas por personagens femininos. Suas obras mais conhecidas são: O Pequeno Polegar, A Bela Adormecida, O Gato de Botas, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, As Fadas, A Gata Borralheira ou Cinderela e Henrique, o Topetudo. Nestes textos são mais perceptíveis as preocupações pedagógicas com a educação de crianças, que durante esse século encontrariam seu apogeu nas obras de Fénelon, que aos 24 anos tornou-se padre, dedicando-se profundamente às coisas do espírito e do intelecto. Seus textos eram redigidos com a intenção de formar o caráter do educando de maneira indireta, através de uma literatura interessante e instigante. A partir da experiência como preceptor das filhas do rei, privilegia em seus escritos a educação de meninas, que deveriam ser preparadas para serem esposas e mães. Dessa forma, a formação se compunha de exercícios físicos, educação artística (poesia, música e pintura) e educação intelectual (gramática, noções de cálculo, noções de Direito, História Grega e Romana e História da França). Estes manuais são um marco na gênese e no desenvolvimento da literatura infantil, pois admite o seu formal entrelaçamento com a formação dos educandos.

Durante o século XVIII, a literatura infantil será marcada pela transição do período clássico para o romantismo, culminando com o aparecimento da infância no século XIX. Ela se caracterizará pelos livros de aventura, primeiramente escritos para os adultos e posteriormente adaptados para o universo infanto-juvenil. Estes livros têm como principal argumento a exaltação da liberdade individual, a valorização do progresso e da técnica, a busca de satisfação pessoal. A juventude e sua inquietação e a busca de crescimento interior são a “energia vital” que impulsiona a vontade humana e os romances. Aparece a figura do herói, um homem sobretudo culto e habituado a ler os clássicos, que via no saber e no conhecimento a emancipação daqueles (burgueses) que não tiveram o mesmo privilégio dos poderosos (aristocratas).

Os livros infantis continuam a seguir o mesmo padrão das obras de Fénelon, isto é, dos livros que "instruem divertindo". É durante o século XIX que acontece o apogeu do romantismo. Mescla do popular e do culto, os romances foram a maior fonte de entretenimento para o grande público dessa época. Eles retratam a consolidação dos valores aristocráticos, próprios do classicismo, e dos valores emergentes do individualismo popular/burguês. É nesse contexto que surge o conceito de criança.

Dentro desse processo renovador, a criança é descoberta como um ser que precisava de cuidados específicos para a sua formação humanística, cívica, espiritual, ética e intelectual. E os novos conceitos de Vida, Educação e Cultura abrem caminho para os novos e ainda tateantes procedimentos na área pedagógica e na literária. Pode-se dizer que é nesse momento que a criança entra como um valor a ser levado em consideração no processo social e no contexto humano. (...) Nos rastros dessa descoberta da criança, surge também a preocupação com a literatura que lhe serviria para leitura, isto é, para a sua informação sobre os mais diferentes conhecimentos e para a formação de sua mente e personalidade (segundo os objetivos pedagógicos do momento). (COELHO, 1991, p. 139)

Os escritores infantis mais notáveis dessa época foram Jacob e Wilhelm Grimm, na Alemanha, e Hans Christian Andersen, na Dinamarca, precursores das narrativas fantástico-maravilhosas.

Considera-se como maravilhoso todas as situações que ocorrem fora do nosso entendimento da dicotomia espaço/tempo ou realizada em local vago ou indeterminado na Terra. Tais fenômenos não obedecem as leis naturais que regem o planeta. (OLIVEIRA, 2005)

É perceptível durante o transcurso da literatura no século XIX que há um desenvolvimento da literatura romântica para crianças, partindo das narrativas para as novelas - gênero que dominaria praticamente todo o século XIX - e destas para as narrativas do realismo humanitário. Com os Grimm, teremos uma literatura que registra, através das antigas narrativas populares, a história do povo germânico. Os títulos mais conhecidos desses autores são: Os Sete Anões e a Branca de Neve, Joãozinho e Maria, entre outros. Em Andersen encontraremos uma preocupação com valores éticos, sociais, políticos, culturais e cristãos demarcados pela sociedade liberal burguesa em ascensão. Suas obras mais conhecidas são O Patinho Feio, O Soldadinho de Chumbo, entre outros. Já as novelas demonstram a influência do individualismo burguês, focalizando a importância da ação humana na transformação do mundo e de suas capacidades para auto-realização.

A literatura para crianças do século XIX tinha como objetivo instruir os pequenos através de histórias que granjeassem sua atenção. Era uma literatura utilizada para o ensino da leitura nas escolas baseada em uma pedagogia de caráter maternal.

2.1 – A literatura infantil brasileira

A literatura infantil brasileira apareceu tardiamente, pouco antes da virada para o século XX, permanecendo por muito tempo sob o domínio cultural europeu. Foram

décadas de traduções e produções tímidas quase que exclusivamente baseadas nas produções européias.

Somente no início do século XX que autores consagrados na “literatura adulta” como Olavo Bilac e José de Alencar, passam a se dedicar à literatura infantil. Porém, a revolução na literatura infantil brasileira acontece com Monteiro Lobato, que introduz uma série de novos elementos tanto formais como em conteúdo.

Segundo COELHO (1995), a divisão histórico-literária da literatura infantil brasileira, em seus vários períodos, tem em Monteiro Lobato um marco divisor de épocas:

- precursora: período pré-lobatiano (1808-1919)
- moderna: período lobatiano (anos 20/70)
- pós-moderna: período pós-lobatiano (anos 70/...).

Foi em pleno período de confronto entre o tradicional (formas já desgastadas do Romantismo/Realismo) e o moderno (representado pelo Modernismo de 22) que Monteiro Lobato inicia a invenção literária que cria o verdadeiro espaço da literatura infantil no Brasil. (COELHO 1995, p. 57)

Monteiro Lobato é o precursor de uma literatura infantil crítica: se preocupa em debater temas públicos, normalmente circunscritos ao mundo adulto, de forma a serem facilmente apreendidos pelas crianças. Monteiro Lobato inova ao se utilizar do humor para desmistificar uma série de pseudo-verdades; do folclore brasileiro e o trabalho relacionado à fantasia/realidade; e não podemos esquecer do uso de uma linguagem coloquial bem característica da infância (invenção de palavras). A intenção central de sua obra é formar futuros “modificadores da realidade”, por isso é repleta de uma ideologia “subversiva”. É possível perceber, por sua obra, que Lobato era extremamente nacionalista, inimigo de idéias, crenças e valores que favorecessem a manutenção do *status quo*, vago defensor, em teoria de idéias socializantes contra o obscurantismo autoritário do poder. Mas que, por outro lado, possuía idéias um tanto quanto liberais, como a crença no desenvolvimento econômico capitalista para a resolução dos problemas brasileiros, na democracia etc.

Segundo ZILBERMAN (1994), a literatura infantil até Lobato não apresentava uma temática nacional, reproduzindo os padrões vindos da Europa. Ele consegue romper esse círculo, aproveitando nossas tradições folclóricas e seu êxito se deve aos seguintes fatores:

- personagens que se repetem em todas as narrativas;

- emprego de crianças como heróis, promovendo imediata identificação com o leitor;

- ausência de autoritarismo e de imagens adultas repressoras;
- a opinião das crianças personagens é respeitada;
- a curiosidade e a criatividade são estimuladas.

Durante o curso Proesf, na disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa, tivemos contato com algumas obras de Ziraldo, que a Professora Cristina nos mostrou com muito entusiasmo, dando-nos idéias de como fazer as leituras, como escolher boas obras para trabalhar com as crianças.

O meu interesse por Monteiro Lobato surgiu devido a necessidade de falar sobre esse autor com as crianças, que estudavam à tarde, portanto no período da manhã assistiam “Sítio do Pica-Pau Amarelo” na TV e comentavam comigo sobre os personagens, até que um dia um aluno trouxe-me desenhos que sua mãe havia pego na internet, eram da Emília, Visconde, Dona Benta, Narizinho, então coloquei na parede e aproveitamos para falar sobre o nome deles, escrevi e coloquei próximo dos desenhos. Na escola não tinha nenhum livro de Monteiro Lobato, pedi então, para uma amiga e por sorte tinha um “Memórias da Emília”. Nesse livro contém a biografia de Monteiro Lobato, com foto, que mostrei a eles e disse que era o escritor do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que ele tinha escrito vários livros. Escolhi um trecho do livro: Memórias da Emília: a história do anjinho da asa quebrada e contei com as minhas palavras, pois o livro era bem extenso.

As crianças contavam para as mães o que estavam aprendendo sobre Monteiro Lobato e quando brincavam de fantasiar-se, diziam que eram: Emília, Visconde, inclusive havia uma fantasia de Cuca pendurada na Arara que ficava no canto da sala e todos queriam colocar ao mesmo tempo, era preciso muita intervenção para que um usasse e depois emprestasse ao outro.

Trabalhei também com gibis da Turma da Mônica. Tínhamos alguns no cantinho do livro que ficava dentro da sala e eram disputadíssimos. As crianças olhavam e criavam as histórias. Uma vez por semana eu lia para elas. Ao final do ano as crianças sabiam os nomes de todos os personagens e também do autor Maurício de Souza.

Fizemos um passeio para o parque da Mônica, em Campinas e lá as crianças puderam assistir a um teatro com todos os personagens e ficaram encantados em vê-los de perto.

A partir de Monteiro Lobato, apesar de toda uma nova visão da literatura infantil, seus objetivos, seu público-alvo, destaca-se a contribuição para manutenção e naturalização de práticas androcêntricas e da submissão feminina. Porém, é ele que abre caminho a este tipo de literatura infantil questionadora de normas e práticas socialmente construídas, mas que são apresentadas como naturais, visando a manutenção dos círculos de dominação.

Por causa da demanda escolar, nos anos 70, a produção literária vai se expandir instaurando-se o mercado consumidor de livros infantis, utilizados principalmente como um auxiliar didático do professor. A literatura dessa década apresenta muitos aspectos herdados de Lobato: a preocupação com a reflexão crítica, a linguagem inovadora, o humor como instrumento desmistificador etc. Temos como exemplos de autores que continuam produzindo até os dias de hoje com a mesma preocupação: Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bonjunga, dentre outros.

Nos anos 80, o gênero literário infantil brasileiro já havia se firmado em razão do crescimento do mercado consumidor, sendo que começaram a surgir livrarias especializadas em livros infantis.

Para PELLEGRINI (2004) a história da literatura no Brasil das três últimas décadas vem marcada por este processo de mercantilização que hoje a torna totalmente prisioneira do *marketing*, processo que se constitui de estratégias de divulgação, promoção e vendas do objeto-livro.

Por esse motivo, a literatura infantil é uma das áreas editoriais que mais tem se desenvolvido nas últimas décadas. Estamos vivendo num período em que a literatura vem ganhando cada vez mais espaço na área acadêmica, nas escolas de Educação Básica, na imprensa e na preocupação dos pais em torno do gosto pela leitura.

Atualmente, os livros infantis são adaptados às necessidades sociais representadas pelo sistema educativo, independente de ser realista, fantasista ou mesmo híbrida, a literatura infantil procura remeter a criança ao seu cotidiano, buscando preparar as crianças para enfrentar a realidade da vida.

Pude perceber essas adaptações em alguns livros que tínhamos na Emei Maracá, onde trabalhei em (2004), eram livros de títulos assim: "Paulinho vai ao supermercado" ou "Marina vai ao zoológico". São bons, pois a criança tem oportunidade de nomear objetos, se identificando com lugares, estabelece relações com a sua vida, seu cotidiano.

Mesmo nos tempos atuais, em que a imagem e a comunicação são instantâneas, a palavra literária escrita poderá trazer muita bagagem cultural e uma

forma ideal de se fazer uma leitura de mundo. Percebe-se que os trabalhos a serem desenvolvidos com a literatura infantil são diversos e produtivos, mas o que mais nos preocupa é como direcionar este trabalho para conseguir fazer da criança não apenas um "leitor", que lê para cumprir uma tarefa, mas um "leitor", que vai além, que lê por prazer e por necessidade de buscar mais conhecimentos e conseqüentemente entender melhor o mundo ao seu redor.

Acredito que se colocarmos em nosso Projeto Político Pedagógico um bom projeto sobre literatura, anual, de parceria com a família e principalmente, de acordo com o interesse das crianças, conseguiremos alcançar esse objetivo.

3-A Importância da Literatura Infantil

Estamos vivendo em uma sociedade capitalista em que a tecnologia e a mídia bombardeiam as mentes das crianças, levando-as ao consumismo desenfreado. A literatura, pelo contrário, pode oferecer à criança momentos que chamam a sua atenção levando-as a aprender a ouvir, a prestar atenção, fugindo um pouco de recursos visuais imediatistas, oferecidos pela TV.

A literatura infantil demarca um conjunto de produções literárias a toda e qualquer manifestação do sentimento ou pensamento por meio de palavras. Define-se não apenas pelo texto resultante dessa manifestação, mas também por se destinar a um público específico, o qual tem características determinantes: pertence a uma faixa etária, uma estimulação familiar, uma relação com o mundo da escola e um convívio com a sociedade, ou seja, trata-se de uma criança que ainda não ultrapassou uma situação que, se é temporária e transitória, não deixa de se mostrar importante.

Até bem pouco tempo, em nosso século, a literatura infantil era considerada como um gênero secundário, e vista pelo adulto como algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (forma de entretenimento). A valorização da literatura infantil, como formadora de consciência dentro da vida cultural das sociedades, é bem recente.

Uma maneira de compreender o mundo é através da literatura infantil, sua função é exatamente fazer com que a criança tenha uma visão mais ampla de tudo que a rodeia, tornando-a mais reflexiva e crítica, frente à realidade social em que vive e atua, desenvolvendo seu pensamento organizado. A literatura infantil tem o poder de suscitar o imaginário, de responder as dúvidas em relação a tantas perguntas, de encontrar novas idéias para solucionar questões e instigar a curiosidade do pequeno leitor.

De acordo com ABRAMOVICH, “é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos”. (1991, p. 17). Nesse processo, ouvir histórias tem uma importância que vai muito além do prazer proporcionado, ela serve para a efetiva iniciação das crianças na construção da linguagem, idéias, valores e sentimentos, contribuindo para ampliar, transformar ou enriquecer os conhecimentos que possuem e auxiliando na formação como pessoas.

...lidas ou contadas as histórias constituem-se em generoso processo educativo, pois ensinam recreando, dando à criança os estímulos e motivações apropriadas para satisfazer suas tendências, seus interesses, suas necessidades, seus desejos, sua sensibilidade. (MALAMUT, 1990, p. 06).

A criança que desde muito cedo entra em contato com a obra literária escrita terá uma compreensão maior de si e do outro. Terá a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e ampliar os horizontes da cultura e do conhecimento, percebendo o mundo e a realidade que a cerca.

Quando trabalhei na Casa da Criança Araúna, com crianças de 4 meses a 1 ano de idade, procurei trabalhar a literatura com elas de várias maneiras. Uma delas foi com livros de tecido, não tinha muitos, mas os que tinha eram lindos. Alguns tinham som, animais em alto relevo, o que chamava muito a atenção das crianças.

Na minha opinião, são os mais indicados para essa faixa etária, pois não rasgam, são macios e leves.

As crianças pegavam, brincavam, colocavam na boca, percebiam as figuras que, a cada dia, iam nomeando; é o primeiro contato da criança com o livro enquanto um objeto concreto.

Poucas crianças têm o hábito de ler em nosso país. A maioria tem o primeiro contato com a literatura apenas quando chega à escola, no ensino fundamental. E a partir daí, vira obrigação, pois infelizmente muitos de nossos professores não gostam de trabalhar com a literatura infantil e talvez desconheçam técnicas que ajudem a "dar vida às histórias" e que, conseqüentemente, produzam conhecimentos. Muitos não levam em conta o gosto e a faixa etária em que a criança se encontra, sendo que muitas vezes o livro indicado ou lido pelo professor está além das possibilidades de compreensão dela em termos de linguagem.

O gosto pela leitura vem de um processo que se inicia no lar. Mesmo antes da aprendizagem da leitura, a criança aprecia o valor sonoro das palavras. Aprende a gostar do livro pelo afeto, quando a mãe canta ao embalar o berço, ou narra velhas histórias aprendidas pelos avós. Sobre esse ponto observa SILVA (1994, p. 12): "...é tão importante o papel de quem convive com a criança, pois é, sobretudo, através do afeto que a criança se desenvolve e aprende".

Segundo Rego:

...uma mãe que lê textos interessantes e de boa qualidade diariamente para seu filho transmite informalmente para ele uma série de informações, sobre a língua escrita e sobre o mundo. (REGO, 1995, p. 51),

Observando-se o comportamento da criança, fica evidente a sua capacidade de inventar histórias, por isso a necessidade do professor oportunizar a expressão de suas idéias.

“a professora agirá como um elemento facilitador e incentivador do interesse da criança pela leitura à medida que não se comportar apenas como leitora, mas também como espectadora das ‘leituras’ reproduzidas pelas crianças.” (REGO, 1995, p. 56)

Lembro-me da minha experiência na creche “Graúna” em 2005, com a sala de Maternal II, crianças de 2,5 a 3 anos de idade.

Desenvolvi um projeto cujo objetivo maior era de dar oportunidade da criança recontar a história. A criança levava um livro para casa e pedia à família que lesse para ela. Depois, quando trazia o livro, era ela quem contava a história.

Algumas crianças contavam, lembravam-se de detalhes, de nome das personagens. Eu somente auxiliava, segurando o livro de maneira que os colegas vissem as figuras. Quando esqueciam, eu dava uma dica ou fazia uma pergunta que as ajudava lembrar da seqüência da história.

Outras crianças ficavam tímidas, falavam baixo, mas os próprios colegas incentivavam e pediam para que falassem mais alto e, com o passar do tempo e o estímulo para a atividade, era notório o desenvolvimento da fala e do vocabulário, a socialização e o respeito ao outro, além de todo o conhecimento social que adquiriam.

As crianças sentiam-se muito felizes e importantes em poder ter a vez e a voz.

Nesse contexto o papel do educador, é de assumir o compromisso com o aluno, tendo o hábito de contar histórias, despertando a curiosidade pelos misteriosos signos da escrita, desafiando-os, encorajando-os, solicitando-os, provocando-os, para que ela crie suas hipóteses, abrindo as portas para o universo da leitura, em que a criança irá livremente penetrar guiada por suas preferências.

Uma história traz consigo inúmeras possibilidades de aprendizagem. Entre elas estão os valores apontados no texto, os quais poderão ser objeto de diálogo com as crianças, possibilitando a troca de opiniões e o desenvolvimento de sua capacidade de expressão. O estabelecimento de relações entre os comportamentos dos personagens da história e os comportamentos das próprias crianças em nossa sociedade possibilita ao professor desenvolver os múltiplos aspectos educativos da literatura infantil.

Experiências felizes com a literatura infantil em sala de aula são aquelas em que a criança interage com os diversos textos trabalhados de tal forma que possibilite o entendimento do mundo em que vivem e que construam, aos poucos, seu próprio conhecimento. Considero uma experiência feliz, quando coloco vários livros expostos na lousa e deixo que cada um escolha um, façam a leitura visual, depois vou

questionando porque escolheu esse livro, as crianças vão respondendo: por causa do desenho, algumas crianças conhecem a gravura e falam o título do livro, então pergunto o que acham que trata a história, leio a história e questiono se gostaram do final, se acham legal o que o personagem fez, vocês fariam isso, por que. Os livros de animais fazem muito sucesso nessa fase, pois toda criança conhece um cachorro, um gato, um macaco e gostam de fazer relações com a sua realidade. Contam que foram ao zoológico com os pais, que viram um animal igual ao do livro, ou que tem em casa, ou que gostariam de ter.

Para alcançarmos um ensino de qualidade, se faz necessário que descubramos critérios e que saibamos selecionar as obras literárias a serem trabalhadas com as crianças. Precisamos desenvolver recursos pedagógicos capazes de intensificar a relação da criança com o livro e com seus próprios colegas.

(...) para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (...) (BETTELHEIM, 1996, p. 13).

Ao trazer a literatura infantil para a sala de aula, o professor estabelece uma relação dialógica com o aluno, o livro, sua cultura e a própria realidade. Além de contar ou ler a história, ele cria condições em que a criança trabalhe com a história a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões sobre ela, assumindo posições frente aos fatos narrados, defendendo atitudes e personagens, criando novas situações através das quais as próprias crianças vão construindo uma nova história. Uma história que retratará alguma vivência da criança, ou seja, sua própria história.

(...) ler histórias para crianças, sempre, sempre ... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento ... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram ...). ABRAMOVICH (1995, p.17).

É nessa perspectiva que procuro fundamentar a minha prática.

Gosto de contar histórias todos os dias. É um momento que as crianças acabam esperando com entusiasmo e acham que o tempo é pouco, sempre querem que eu conte mais uma.

É gostoso de ver os olhos delas brilhando e acompanhando o desfecho da história, às vezes até abrindo a boca, parecendo entrar na história e incorporar a personagem, sentindo medo, alegria e várias outras emoções transmitidas durante a leitura.

É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) ... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) ... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas ... (ABRAMOVICH, 1995, p.17)

Para confirmar isso Rego diz que:

“...um contato diário com atividades de leitura e de escrita, a alfabetização será transformada num processo ameno e descontraído, evitando-se as atuais rupturas existentes, na prática pedagógica entre a preparação para a alfabetização e a alfabetização propriamente dita.”REGO (1988, p. 60)

A presença de livros na sala de aula é fundamental para as crianças, por isso a necessidade do professor em organizar um espaço em sua sala onde os livros fiquem à disposição das crianças, para que elas possam manuseá-los sempre que o desejarem tendo contato desde cedo com o mundo letrado.

Portanto, a conquista do pequeno leitor se dá através da relação prazerosa com o livro infantil, onde sonho, fantasia e imaginação se misturam numa realidade única, e o levam a vivenciar as emoções em parceria com os personagens da história, introduzindo assim situações da realidade.

(...) é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranqüilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar ... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

A literatura enquanto universo ficcional é um elemento importante na autoconstrução do indivíduo, percebemos naturalmente que faz parte de um universo que oferece as coisas prazerosas de forma material e pronta para usá-las, vinculadas a estímulos e incentivos externos, conhece e compreende apenas aquilo que é muitas vezes castrada e limitada sem condições para desenvolver a percepção, a sensibilidade, a fantasia e a criatividade.

Em nossa cultura, não temos o hábito de dialogar com a criança sobre as suas emoções, podemos proporcionar através das histórias momentos mágicos para que a criança reflita sobre sentimentos como a raiva, a alegria, a tristeza, o prazer, enfim faça comparações com a sua vida e torne consciente alguns comportamentos, pois podem espelhar-se no comportamento do personagem

4-As Histórias Infantis como forma de consciência de mundo

Em nossa cultura, não temos o hábito de dialogar com a criança sobre as suas emoções, podemos proporcionar através das histórias momentos mágicos para que a criança reflita sobre sentimentos como a raiva, a alegria, a tristeza, o prazer, enfim faça comparações com a sua vida e torne consciente alguns comportamentos, pois podem espelhar-se no comportamento do personagem.

É no encontro com qualquer forma de Literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Nesse sentido, a Literatura apresenta-se não só como veículo de manifestação de cultura, mas também de ideologias.

A Literatura Infantil, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo. Sendo fundamental mostrar que a literatura deve ser encarada, sempre, de modo global e complexo em sua ambigüidade e pluralidade.

O caminho para a redescoberta da Literatura Infantil, em nosso século, foi aberto pela Psicologia Experimental que, revelando a Inteligência como um elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto. A sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança, ou do meio em que ela vive.

Fases normais no desenvolvimento da criança

Primeira Infância: Movimento X Atividade (15/17 meses aos 3 anos)

- . Maturação, início do desenvolvimento mental;
- . Fase da invenção da mão – reconhecimento da realidade pelo tato;
- . Descoberta de si mesmo e dos outros;
- . Necessidade grande de contatos afetivos;
- . Explora o mundo dos sentidos;
- . Descoberta das formas concretas e dos seres;
- . Conquista da linguagem;
- . Nomeação de objetos e coisas – atribui vida aos objetos;
- . Começa a formar sua auto-imagem, de acordo com o que o adulto diz que ela é, assimilando, sem questionamento, o que lhe é dito;

- . Egocentrismo, jogo simbólico;
- . Reconhece e nomeia partes do corpo;
- . Forma frases completas;
- . Nomeia o que desenha e constrói;
- . Imita, principalmente, o adulto.

Segunda Infância: Fantasia e Imaginação (dos 3 aos 6 anos)

- . Fase lúdica e predomínio do pensamento mágico;
- . Aumenta, rapidamente, seu vocabulário;
- . Faz muitas perguntas. Quer saber “como” e “por quê?”;
- . Egocentrismo – narcisismo;
- . Não diferenciação entre a realidade externa e os produtos da fantasia infantil;
- . Desenvolvimento do sentido do “eu” ;
- . Tem mais noção de limites (meu/teu/nosso/certo/errado);
- . Tempo não tem significação – não há passado nem futuro, a vida é o momento presente;
- . Muitas imagens ainda completando, ou sugerindo os textos;
- . Textos curtos e elucidativos;
- . Consolidação da linguagem, onde as palavras devem corresponder às figuras;
- . Para Piaget, etapa animista, pois todas as coisas são dotadas de vida e vontade;
- . O elemento maravilhoso começa a despertar interesse na criança.

Dos 6 aos 6 anos e 11 meses, aproximadamente

- . Interesse por ler e escrever. A atenção da criança esta voltada para o significado das coisas;
- . O egocentrismo está diminuindo. Já inclui outras pessoas no seu universo;
- . Seu pensamento está se tornando estável e lógico, mas ainda não é capaz de compreender idéias totalmente abstratas;
- . Só consegue raciocinar a partir do concreto;
- . Começa a agir cooperativamente;
- . Textos mais longos, mas as imagens ainda devem predominar sobre o texto;
- . O elemento maravilhoso exerce um grande fascínio sobre a criança.

4.1 - Histórias para crianças

1 a 2 anos

A criança, nessa faixa etária, prende-se ao movimento, ao tom de voz, e não ao conteúdo do que é contado. Ela presta atenção ao movimento de fantoches e a objetos que conversam com ela. As histórias devem ser rápidas e curtas. O ideal é inventá-las na hora. Os livros de pano, madeira e plástico, também prendem a atenção. Devem ter, somente, uma gravura em cada página, mostrando coisas simples e atrativas

visualmente. Nesta fase, há uma grande necessidade de pegar a história, segurar o fantoche, agarrar o livro, etc.

Crianças muito pequenas requerem livros mais resistentes, folhas grossas, que facilitam o manuseio, com abundância de ilustrações e letras graúdas. Quanto menor a criança, maior deve ser a quantidade e o tamanho das ilustrações. (JARDIM, 2001, p. 76)

2 a 3 anos

Nessa faixa etária, as histórias ainda devem ser rápidas, com pouco texto de um enredo simples e vivo, poucos personagens, aproximando-se, ao máximo, das vivências da criança. Tem grande interesse por histórias de bichinhos, brinquedos e seres da natureza humanizados. Identifica-se, facilmente, com todos eles.

Os livros oferecidos nessa fase devem conter gravuras que apresentem objetos simples, isolados, pertencentes ao meio em que a criança vive e que possam ser identificados por ela (brinquedos, animais etc.). (JARDIM, 2001, p. 76)

As histórias devem ser contadas com muito ritmo e entonação. As crianças prendem-se a gravuras grandes e com poucos detalhes. Os fantoches continuam sendo o material mais adequado. A música exerce um grande fascínio sobre ela. A criança acredita que tudo ao seu redor tem vida e vivência, por isso, a história transforma-se em algo real, como se estivesse acontecendo mesmo.

3 a 6 anos

Os livros adequados a essa fase devem propor "vivências radicadas" no cotidiano familiar da criança e apresentar determinadas características estilísticas.

Predomínio absoluto da imagem (gravuras, ilustrações, desenhos, etc.), sem texto escrito, ou com textos brevíssimos, que podem ser lidos, ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a criança perceba a inter-relação existente entre o "mundo real", que a cerca, e o "mundo da palavra", que nomeia o real. É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade circundante.

As imagens devem sugerir uma situação que seja significativa para a criança, ou que lhe seja, de alguma forma, atraente.

A graça, o humor, um certo clima de expectativa, ou mistério são fatores essenciais nos livros para o pré-leitor.

As crianças, nessa fase, gostam de ouvir a história várias vezes. É a fase de “conte outra vez”.

Histórias com dobraduras simples, que a criança possa acompanhar, também exercem grande fascínio. Outro recurso é a transformação do contador de histórias com roupas e objetos característicos. A criança acredita, realmente, que o contador de histórias se transformou no personagem ao colocar uma máscara, chapéu, capa, etc..

Podemos enriquecer a base de experiências da criança, variando o material que lhe é oferecido. Materiais como massa de modelar e argila atraem a criança para novas experimentações. Por exemplo, a história do "Bonequinho Doce" sugere a confecção de um bonequinho de massa, e a história da "Galinha Ruiva" pode sugerir amassar e assar um pão.

Assim como as histórias infantis, os contos de fadas têm um determinado momento para serem introduzidos no desenvolvimento da criança, variando de acordo com o grau de complexidade de cada história.

Os contos de fadas, tais como: “O Lobo e os Sete Cabritinhos”, “Os Três Porquinhos”, "Cachinhos de Ouro", "A Galinha Ruiva" e "O Patinho Feio" apresentam uma estrutura bastante simples e têm poucos personagens, sendo adequados a crianças entre 3 e 4 anos. Enquanto, "Chapeuzinho Vermelho", "O Soldadinho de Chumbo" (conto de Andersen), "Pedro e o Lobo", "João e Maria", "Mindinha" e o "Pequeno Polegar" são adequados a crianças entre 4 e 6 anos.

6 anos a 6 anos e 11 meses

Os contos de fadas citados na fase anterior ainda exercem fascínio nessa fase. "Branca de Neve e os Sete Anões", "Cinderela", "A Bela Adormecida", "João e o Pé de Feijão", "Pinóquio" e "O Gato de Botas" podem ser contadas com poucos detalhes.

O psicanalista Bruno Bettelheim observa que, nos contos de fadas, a estrutura narrativa, o tipo de carência manifestada pela personagem e o modo como é superado o conflito constituem-se em elementos que conferem uma simbologia a esse modelo literário. Tal simbologia, ao ser percebida, inconscientemente, pela criança, ajuda-a a resolver seus problemas existenciais. O autor salienta a importância de se apresentar os contos de fadas ao público infantil em sua versão original. A supressão de qualquer um dos elementos citados quebra a cadeia simbólica expressa na íntegra da história, abolindo seu efeito sobre o inconsciente do ouvinte ou leitor (BETTELHEIM, 1979, p. 20-22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do Curso PROESF, tive a oportunidade de repensar a educação. A educação hoje na sociedade e seus principais objetivos.

Com as pesquisas feitas sobre literatura infantil, posso concluir que, a literatura, estando no contexto do processo educativo desde a educação infantil e sendo utilizada de forma provocativa pelo educador, leva a criança a questionar, levantar hipóteses, argumentar, comparar o conteúdo das histórias com os de sua vivência, ajudando assim na construção de um indivíduo autônomo e confiante em si, acima de tudo, vivendo sua infância de forma natural.

Mas, para que tudo isso aconteça naturalmente é necessário que criança e escola tenham um relacionamento muito íntimo com a leitura. É claro que esse envolvimento entre aluno-escola-leitura, vai depender de muito trabalho e esforço por parte dos educadores e também da família, que deverá colaborar para que ao longo do tempo a criança adquira prazer pela leitura.

É preciso ter a clareza de que a leitura é sempre um meio, nunca um fim, é necessário que a criança tenha oportunidade de fazer suas próprias descobertas, e a sua curiosidade é um forte aliado, vindo ao encontro do lúdico.

O bom educador deverá reconhecer o valor da literatura na formação da criança e sempre estar atento para inovar com atividades que chamem a atenção da criança, que sejam realmente prazerosas e que respeitem a fase de desenvolvimento em que a criança está, colocando em seu planejamento leituras que estejam de acordo com tal fase.

Pude compreender melhor a formação da sociedade e toda sua história e a criança dentro dessa sociedade e como surgiram as histórias, os contos de fada, dentro do contexto da história, principalmente na França, no séc. XVII.

Em muitos momentos senti que se rompiam em mim paradigmas, no sentido de que passei a compreender melhor os estereótipos imbutidos nos personagens, tomando mais cuidado para não passar ideologias que existem por trás das histórias. Hoje quando faço uma leitura consigo perceber facilmente os preconceitos existentes e faço com que meus alunos reflitam sobre eles, ou seja, quero ensiná-los a ler as entrelinhas e não aceitarem tudo como pronto e acabado.

Quero participar da construção de um novo aluno: crítico, participativo, capaz de pensar em hipóteses para a resolução de problemas e principalmente consciente da busca incessante de novos conhecimentos e de ser útil onde quer que esteja, que não olhe somente para si, mas que seja atento a tudo o que está acontecendo no mundo e que procure sempre refletir sobre suas ações no planeta.

Estou consciente que para ser um bom professor é necessário pesquisar sempre em todas as áreas, buscando aperfeiçoamento, preparação para cumprir com esse compromisso de educar.

Para educar alguém é preciso se educar primeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- AGUIAR, V.T. & BORDINI, M.G. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BETTELHEIM, B. *et al.* **Psicanálise da alfabetização: um estudo psicanalítico do ato de ler e aprender**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRITO, Luiz Percival Leme. **Jogos de Leitura**. Série Idéias n.13. São Paulo: FDE, 1994. p. 47-58.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil**. São Paulo: Ática, 1991.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX**. São Paulo: EDUSP, 1995.
- FARIA, A.L.G. e MELLO, S. A.M.(orgs.) **Linguagens Infantis** Ed. Autores Associados Ltda. Campinas
- GOULART, M.I.M. **Presença Pedagógica**. Uma abordagem processual na prática da educação infantil. v.5 n.29 (1999) Editora Dimensão.
- JOLIBERT, J. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. v.1
- _____ **Formando crianças produtoras de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. v.2
- OLIVEIRA, CRISTIANE MADANÊLO DE. **A importância do maravilhoso na literatura infantil**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/>. Acesso em: 12/03/2004.
- PELLEGRINI, Tânia. **A literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/>. Acesso em: 12/03/2004.
- RICHTER, M.G.. **Pedagogia de projeto no ensino do português**. Santa Maria: UFSM, 1997. "Não paginado. Digitado".

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo: Global, 1989

SARAIVA, J. A (org). **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 8ª ed. São Paulo: Global, 1994.